

EULÁLIA, A REBELDE «DISTRAÍDA» EM A  
*REPÚBLICA DOS SONHOS DE NÉLIDA PIÑÓN*

Maria da Conceição Oliveira Guimarães

*en*

Nélida Piñón  
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad  
**Salamanca**

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ es Catedrática de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad de Salamanca, donde ejerce como profesora desde 1990. Ha publicado más de 150 artículos sobre Teoría, Crítica y Literatura Comparada en revistas especializadas, y es autora de más de una veintena de libros, entre ellos *Lecturas del «Quijote» (siglos XVII-XIX)* (1998), *Pío Baroja: Aspectos de la técnica narrativa* (1998), *De la Poética a la Teoría de la Literatura* (2005), *El bien y el mal de las ciencias humanas* (2005), *Mujeres barojianas* (2017) o *La poética de Lorenzo de Zamora: una apología de la literatura secular* (2020). Desde 2008 colabora con el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, donde ha dirigido varios proyectos sobre literatura brasileña y su interpretación en España. Fruto de este trabajo son numerosas obras, entre ellas *El oficio de escribir: Entre Machado de Assis y Nélida Piñon* (2010), *Un clásico fuera de casa. Nuevas miradas sobre Machado de Assis* (2011), *João Cabral de Melo Neto. Poeta en la encrucijada* (2012), *Jorge Amado, relectura en su centenario* (2013), *Manuel Bandeira en Pasárgada* (2015), *João Guimarães Rosa: Un exiliado del lenguaje común* (2017) y *Ferreira Gullar. Poesía, arte, pensamiento* (2019).

Desde 2013 ejerce la crítica literaria en *El Cultural* del diario *El Mundo*.

NÉLIDA PIÑÓN  
EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS



EULÁLIA, A REBELDE «DISTRAÍDA» EM A  
*REPÚBLICA DOS SONHOS* DE NÉLIDA PIÑON

Maria da Conceição Oliveira Guimarães

*en*

Nélida Piñon  
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad  
**Salamanca**

# ET CAETERA, 53

© Ediciones Universidad de Salamanca  
y los autores

1ª edición: abril, 2021

ISBN 978-84-1311-325-8 (POD) / Depósito legal: S 112-2021  
978-84-1311-326-5 (PDF)  
978-84-1311-327-2 (ePub)

Ediciones Universidad de Salamanca  
<http://www.eusal.es>  
[eusal@usal.es](mailto:eusal@usal.es)

*Impreso en España-Printed in Spain*

Maquetación, impresión y encuadernación:  
GRÁFICAS LOPE  
C/ Laguna Grande, 2, Polígono «El Montalvo II»  
[www.graficaslope.com](http://www.graficaslope.com)  
37008 Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.  
Ni la totalidad ni parte de este libro  
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de  
Ediciones Universidad de Salamanca*

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego  
Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE  
Unión de Editoriales Universitarias Españolas  
[www.une.es](http://www.une.es)



CEP. Servicio de Bibliotecas

NÉLIDA Piñón en la república de los sueños / Ascensión Rivas Hernández (ed.).  
—1ª edición: abril, 2021.—Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, [2021]  
170 páginas.—(Et caetera ; 53)

Textos en español y portugués, con abstracts en español, portugués e inglés  
DL S 112-2021.—ISBN 978-84-1311-325-8 (POD).— ISBN 978-84-1311-326-5 (PDF).  
—ISBN 978-84-1311-327-2 (ePub)

1. Piñón, Nélida—Crítica e interpretación. I. Rivas Hernández, Ascensión, editor, autor.  
821.134.3(81) Piñón, Nélida1.07

# Índice<sup>1</sup>

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Cosmovisión de Nélide Piñon.....	9
NÉLIDA PIÑON. A voz secreta da narrativa.....	15
DOMÍCIO PROENÇA FILHO. A inquieta ficção de Nélide Piñon.....	25
ANTONIO MAURA. Las dilatadas Españas de Nélide Piñon.....	37
MARIA INÊS DE MORAES MARRECO. A inquestionável estatura intelectual de Nélide Piñon.....	47
BEATRIZ WEIGERT. Nélide Piñon: a palavra da mulher.....	57
ANA LÚCIA TREVISAN Y REGINA HELENA PIRES DE BRITO. Voces en diálogos identitários: un análisis de los cuentos de <i>O calor das coisas</i> , de Nélide Piñon.....	67
CRISTINA MARIA DA SILVA. As metáforas do lembrar em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	79
MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA GUIMARÃES. Eulália, a rebelde «distráida» em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	89
MARÍA ISABEL LÓPEZ MARTÍNEZ. Nélide Piñon ante los géneros fragmentarios....	101
ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Historias que no cesan de narrar. Intertextualidad en <i>La camisa del marido</i> .....	113
CID OTTONI BYLAARDT. Nélide e Machado: um cruzamento sedutor de sistemas simbólicos.....	127
REJANE QUEIROZ. A condição feminina nos contos «I love my husband», de Nélide Piñon, e «Amor», de Clarice Lispector.....	137

<sup>1</sup> Este libro se inscribe en las actividades del GIR «ELBA» (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirige Ascensión Rivas en la Universidad de Salamanca.

MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI. A identidade revisitada em «A imitação da rosa» e «Adamastor».....	149
M. CARMEN VILLARINO PARDO. Posición autoral y repertorio(s) en el campo literario brasileño: Nélida Piñon y <i>O calor das coisas</i> (1980).....	159

# EULÁLIA, A REBELDE «DISTRAÍDA» EM *A REPÚBLICA DOS SONHOS* DE NÉLIDA PIÑON

Maria da Conceição Oliveira Guimarães

*Pesquisadora Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
(CAPES)*

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar a «rebelia distraída» da personagem Eulália de *A república dos sonhos*. Nélida inicia o romance com a frase «Eulália começou a morrer na terça-feira», uma expressão que confunde o leitor sobre o perfil da personagem, uma vez que essa figura é detentora de uma força vital inapagável de sua conduta silenciosa. Ao conduzir sua vida de forma distraída, porém insurreta, Eulália transforma o grupo familiar e semeia nas gerações futuras a emancipação feminina, como o fez em relação à filha Esperança e à neta Breta. «A mulher distraída tem a rebelia embutida» [...]. «E quem é o autoritário, quem manda, perde o poder porque ela não escuta», já havia dito Nélida em uma entrevista à jornalista Ana Tomás do *Jornal I*.

PALAVRAS-CHAVE: Nélida Piñon, *A república dos sonhos*, Eulália, Rebelia, Distração.

«EULALIA, LA REBELDE «DESPISTADA» DE *A REPÚBLICA DOS SONHOS*»

RESUMEN: El propósito de este trabajo es presentar la «rebelia despistada» del personaje de Eulalia de *A república dos sonhos*. La novela se inicia con estas palabras: «Eulalia empezó a morir el martes». Se trata de una frase que confunde al lector sobre el perfil del personaje, dado que esa figura tiene una fuerza vital enorme. Al conducir su vida de forma distraída, Eulalia transforma el grupo familiar y siembra en las generaciones futuras la simiente de la emancipación femenina, como sucede con la hija Esperanza y con la nieta Breta. «La mujer despistada es rebelde por naturaleza». «Y quien es autoritario, quien manda, pierde el poder porque ella no escucha», había dicho Nélida en una entrevista a la periodista Ana Tomás del *Jornal I*.

PALABRAS CLAVE: Nélida Piñon, *A república dos sonhos*, Eulália, Rebelia, Distracción.

«EULALIA, THE ‘DISTRACTED REBELLION’ OF *A REPÚBLICA DOS SONHOS*»

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the «distracted rebellion» of Eulália, the character of *A república dos sonhos*. Nélida begins the novel with the phrase: «Eulália began to die on Tuesday», an expression that confuses the reader about her profile since this figure holds a vital force priceless of her silent conduct. By conducting her life in a distracted but insurrectional way, Eulália transforms her family group and shows female emancipation in future generations, as she did in relation to her daughter Esperança and her granddaughter Breta. «The distracted woman has a built-in rebellion». [...] «And who is the authoritarian, who determines, loses power because this woman does not listen», Nélida has said to journalist Ana Tomás of *Jornal I*.

KEYWORDS: Nélida Piñon, *A república dos sonhos*, Eulália, Rebellion, Distraction.

## 1. O TRONCO IBÉRICO DA NARRATIVA NELIDIANA

NÉLIDA PIÑON inicia a narrativa de *A república dos sonhos* com a frase «Eulália começou a morrer na terça-feira». A frase simbólica inicial deflagra a essência de todas as ações ocorridas no livro e que são fundamentadas pela invenção memorialística e autobiográfica.

Em se tratando de memórias, esta obra é fundamentalmente um livro de memórias, onde se mesclam sonho e realidade. Inicialmente, é a reminiscência das lendas do velho Xan e de Dom Miguel que alimentavam o imaginário daquele recanto da Galiza, como se seus habitantes fossem povos ancestrais ágrafos que, sem registro histórico, mantivessem vivos costumes e crenças através de narrativas míticas. Depois, em um misto de sonho e realidade são narradas as memórias de uma família hispano-brasileira. Memórias essas que foram o alimento do qual Madruga retirou seu tino comercial e industrial durante a vida que escolheu viver fora de sua pátria e dos seus. O memorialismo em *A república dos sonhos* é um dado confirmado pela autora em «A memória secreta da mulher».

Assim, ao decidir Eulália morrer naquele fevereiro de 1980, ela inaugura no interior do livro o ciclo das memórias. Determina, emblematicamente, a agenda narrativa, o percurso de uma memória irradiadora que avança pelos desvãos do romance, e graças a qual o Brasil, da imaginação, será narrado. (Piñon, 2008: 139)

Outra linha de interpretação aponta o aspecto autobiográfico, medrado pela mesma via da realidade e da ficção. Ao prestar um tributo à família migrante, a autora narra a vida da sua própria família, representada pelo avô Daniel que teria vindo do *Concello de Cotobade*, região transcendida ficcionalmente para Sobreira da qual provieram Eulália e Madruga. O ensaio «A gesta da palavra» resume e ratifica o emprego da autobiografia quando a autora igualmente critica um modelo de família que não conta a história de seus antepassados:

Afinal, o que é uma família se não narra a própria história? Se não fala do transcurso dos avós, do custo afetivo de manter-se fiel a uma hipotética linha moral que a humanidade persegue em nome de algum deus. Se esta família não menciona os ancestrais com a mesma ênfase com a qual os filhos um dia falarão dos pais. (Piñon, 2008: 209)

Em síntese, *A república dos sonhos* segue fiel aos pressupostos memorialísticos e autobiográficos, em cuja abordagem retrata a diáspora espanhola que deslocou muitos dos seus cidadãos pela América Latina, inclusive os próprios ascendentes de Nélide Piñon. Ao tomar para si a representação da dispersão humana pelo continente sul-americano, esse romance revela a saga do tronco ibérico que não possui sobrenomes indicadores de uma gênese familiar: Madruga, o jovem espanhol que, assim como o avô de Nélide, migra para o Brasil embriagado pelo sonho de «fazer» a América; Eulália, a galega que sucumbiu ante os olhos azuis de Madruga que a tomou por esposa; e Venâncio, o cigano de origem espanhola que, «vagando em desacordo com o mundo concreto», – perdeu-se – no emaranhado de seus pensamentos por não compreender os caminhos sociais tomados pelo Brasil de Vargas e a Espanha de Franco.

## 2. A REBELDIA DISTRÁIDA DE EULÁLIA

Elege-se, dentre todas as mulheres que povoam *A república dos sonhos*, a personagem Eulália como precursora da emancipação feminina, mesmo que esse tema não esteja devidamente explicitado dentro do romance. Em se tratando de uma questão feminina, necessário se faz desconstruir do perfil de Eulália a equivocada concepção de passividade, de uma natural inércia intrínseca à mulher educada por um patriarcado, como fora a formação recebida pela personagem. Ao considerar os reveses vividos e superados por Eulália, desde a Galiza até ao Brasil, desfaz-se o equívoco de que todo ser abstraído é um submisso, pois no bojo da abstração operada pela personagem já se nota uma ponta de rebeldia inerente ao seu perfil até então acobertada por uma aparente subordinação ou servilismo.

O par, Eulália e Madruga, possui características diametralmente opostas, apesar de oriundos do mesmo húmus do velho continente, «uma terra estigmatizada pela dor da separação e pela consciência da morte» (Piñon, 2014: 187). Os dois pertencem a Sobreira, «uma aldeia que sonhava em merecer por parte de Pontevedra uma promoção na esfera administrativa» (Piñon, 2014: 21). Entretanto, os materiais formadores dos princípios de um e de outro são distintos. Madruga, um aldeão de família pobre, teve educação mais rude, uma vez que seu pai Ceferino era um servo da terra, «homem de gestos lerdos, devido à corpulência» (Piñon, 2014: 23). Vivía para as vacas em uma atitude de compensação aos destratos infligidos por sua mulher, embora parecesse «fisicamente tão firme quanto um carvalho» (Piñon, 2014: 23). Urcesina, sua mãe, «retinha no rosto sinais de amargura» (Piñon, 2014: 23), talvez linhas marcadas por um temor de que Madruga empreendesse fuga de Sobreira para nunca mais retornar e com

isso não lhe restar ninguém para levá-la a última morada. O casal não era dado a afetos físicos para com o filho e, somente da autoridade paterna sobressaía um sentimento parecido com o amor. Por ter sido levado pela ausência de afetividade na sua convivência familiar – Madruga sentia apenas ternura pelo pai –, da qual queria fugir, ou «Talvez por não ser ele, como Xan, voltado a miradas profundas e a devaneios» (Piñon, 2014: 23). Apesar de Madruga demonstrar certa ternura, já em pequenino compreendia que não amava o pai: «Nunca amei o pai com a naturalidade que suponho existir no coração de certos homens, e que sorve como um vinho licoroso» (Piñon, 2014: 23). Entretanto, Madruga teve no avô Xan todos os sonhos que lhe dirigiram a vida, quimeras que o mantiveram decidido sobre o enfrentamento do novo mundo. Formado por uma sementeira que não tinha o carinho como traço de união fraterna, Madruga possuía lacunas afetivas que nem a delicadeza de Eulália conseguiu preencher-las.

Em se tratando de Eulália, de fato há uma dominação social em relação ao seu pai, visto que a personagem era filha de Dom Miguel, detentor do chão que o pai de Madruga era servo. Assim sendo, Eulália, de casta nobre e de perfil delicado, fora educada para casar e perpetuar os laços aristocráticos de Sobreira, como assim sonhara seu pai: «Minhas filhas são de ouro. Quero-as gentis e amáveis, de acordo com a vida que lhes destino» (Piñon, 2014: 60). Restava à miguelina fidalguia apenas a reputação do nome, mesmo que Dom Miguel, «[e]m meio a certos devaneios, supunha-se ainda rico, apoiado no ilustre sobrenome, no escudo de armas, de uma nobreza debilitada, cravado na fachada da casa. O fausto esgotara-se no entanto sem ele perceber» (Piñon, 2014: 60).

O ponto da conexão entre essas duas personagens teve início no ano em que Madruga, já tendo migrado para o Brasil, decide constituir uma família brasileira. Contudo, para a realização de seu projeto era imprescindível tomar como esposa uma galega, visto que ele, «[a] pesar de amar o Brasil, exigia mulher espanhola» (Piñon, 2014: 61). De volta a Sobreira em busca da companheira idealizada, Madruga encontrou em Eulália virtudes fundamentais para construir sua família, permitindo, dessa forma, uma ligação entre o velho e novo mundo.

Até a chegada de Madruga em sua vida, Eulália agiu sempre de acordo com os ditames do patriarcado de sua família de origem que, além de todos os considerados normativos para a educação feminina da época, primavam ainda os padrões de beleza, de passividade, de pureza e de dependência, os quais a adornavam como um vestido sem costuras. O mundo em que Eulália movimentava-se era o arquétipo do moralismo vigente, no entanto, ela transige essa heteronomia utilizando-se de uma sutileza que Piñon (2015) denominou de «rebelia embutida». O seu primeiro sinal de objeção revela-se ao conhecer Madruga e a sua sede de desbravar novos horizontes:

Após conhecer Madruga, Eulália quis desafiar o pai. Dizer-lhe enfaticamente, e a América pai, não supera os brasões e a sua inquietação heráldica? *Preferiu submeter-se, confiante na sorte*<sup>1</sup>. A partir daquela tarde na pracinha, sonhava

<sup>1</sup> Grifo da autora deste artigo.

diariamente com Madruga. Os olhos azuis daquele homem, servindo-lhe de bússola, apontavam a direção do Brasil. Ansiava em saber como seria esse Brasil que, segundo voz geral, tragava os melhores filhos da Galiza. (Piñon, 2014: 63)

A frase, em destaque, «Preferiu submeter-se, confiante na sorte» corresponde a um dos paradigmas da resistência silenciosa praticada por Eulália, uma vez que não traduz uma submissão total ao seu mundo circundante, antes simboliza um traço estratégico para a vitória que pretende alcançar.

É pertinente lembrar que ainda no século XX, contexto temporal experienciado por Eulália, a mulher era considerada, sob o ponto de vista da biologia, um útero; sob o ponto de vista psicanalítico, um ser hesitante entre o «papel de objeto que lhe é proposto e a reivindicação da liberdade» e historicamente nunca esteve em pé de igualdade com o mundo masculino, apenas era vista como um ser a partir dele, segundo Simone de Beauvoir (2000: 96). De acordo com a fala de Beauvoir, Eulália foi para Madruga, antes de tudo, o útero que lhe assegurou a progenitura de seis filhos, um dos quais morreu na travessia atlântica em virtude da obstinada vontade de Madruga em ter um filho galego como ele, ligando Sobreira ao Novo Mundo:

Nascidos todos da barriga de Eulália que, apesar de frágil saúde, tinha gravidez tranqüila, sem transtornos. Pronta ela a dar vida à criatura oriunda do seu ventre, *um ventre onde Madruga nunca esteve*<sup>2</sup>. Apenas passou por perto em movimentos agônicos, auxiliado pelo membro viril ansioso em amar Eulália com o mesmo fervor dos primeiros anos. (Piñon, 2014:137)

O destaque da expressão, «um ventre onde Madruga nunca esteve» aponta para o indômito espírito de liberdade encarcerado em Eulália e que a manteve desde sempre aquém dos propósitos absolutistas masculinos. Se, por um lado, Eulália era parte integrante de uma família nos moldes patriarcais, por outro, sua fertilidade submeteu o marido à sua tutela e assim, essa personagem aparentemente absorta joga com a autoridade exercida sobre ela, tornando o ser autoritário, seu dependente. Sua preponderância sobre o marido ocorre por uma via que parece ser controversa atualmente, no entanto, esse fato já é um indicativo do domínio que Eulália exercia sobre o *outro*, distinguindo-se dele e tornando-se ela mesma o ser dominante por via da fecundidade, como teoriza Beauvoir:

Sendo venerada e temida por sua fecundidade, sendo o *outro*, que não o homem e participando do caráter inquietante do *outro*, a mulher mantinha, de certa maneira, o homem na dependência dela no momento mesmo em que dele dependia. (Beauvoir, 2000: 98)

Para além da questão da fecundidade discutida por Beauvoir, Eulália impunha-se a certas normas sociais, sem brusquidão, principalmente aquelas que

<sup>2</sup> Grifo da autora deste artigo.

defendiam um núcleo familiar inteiramente de responsabilidade da mulher. Utilizou-se, para tanto, de sua natureza serena e de sua afetividade como armas em cujos combates brotavam sua rebeldia silenciosa e de cujas sementes resultaram em vigorosos brotos de liberdade e independência sexual para a filha Esperança e para a neta Breta, autonomia e emancipação através de sua refinada intelectualidade e de seu engajamento político.

Há que se compreender o período em que Eulália vivia. Historicamente, o início do século XX foi um intervalo temporal de transição libertária para as mulheres, pois, apesar das conquistas que obtiveram, não lhes era ainda permitida uma ascensão social igualitária aos homens, pois ainda eram vistas como um ser a partir deles. Isto posto, concluir-se-á que lutar abertamente contra a opressão masculina era impensável, uma vez que tantos os homens quanto as mulheres foram educados de forma que o modelo patriarcal fosse perpetuado. Nessas circunstâncias, muitas mulheres optaram pela sensualidade ou mesmo se tornavam *coquettes*<sup>3</sup> intelectuais para terem reconhecido o seu espaço na sociedade. Eulália não lançou mão de artifícios sensuais nem se tornou uma *coquette* intelectual para se libertar das diretrizes impostas pelo mundo masculino, porém esteve sempre empenhada em superar o que lhe garroteava a vida.

Eulália lutou de forma tenaz por sua liberdade e dentro de sua autodeterminação silenciosa decidiu até a hora e onde quis morrer a despeito dos pedidos desesperados do marido para que não se fosse. Essa afirmação tem por base a voz de Beauvoir quando refere que, «Não é a natureza<sup>4</sup> que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade» (Beauvoir, 2000: 59).

Repelir ou insurgir-se aos desmandos ocasionados pelo mundo masculino é uma tarefa que sempre exigiu da mulher sensatez, delicadeza e habilidade, visto que a sociedade foi moldada para refrear a autonomia feminina, como assegura Piñon em «A memória secreta da mulher»: «A rebelião, no entanto, que essa mulher perpetrava, era de feitio acanhado. Sem alardes, opunha-se às convenções. Investia contra elas através de um corpo portador de um código pronto a resguardar a sofreguidão que não lhe permitiam exhibir» (Piñon, 2008: 134).

Dois seres hifenizados pelos diferentes lados sociais e por distintos modos de ver e sentir a vida, Eulália e Madruga experimentavam sentimentos igualmente adversos. Enquanto Madruga construiu a casa com ímpetus de um verdadeiro demiurgo, desde as paredes, utensílios e decoração, Eulália, «uma mulher com marcas de elegância por todo o corpo» (Piñon, 2014: 115), adaptava-se como podia ao novo lar em pátria que, até então, era-lhe alheia, como a autora descreve:

Na sua primeira casa, Eulália esforçou-se em aprender a lidar com os objetos, as verduras e frutas brasileiras. Para tanto apurando o ouvido em direção dos sons

<sup>3</sup> Neste artigo, a expressão francesa *coquette* deverá ser entendida como aquela pessoa que tem o prazer definido por sua intelectualidade.

<sup>4</sup> Neste artigo, natureza deverá ser entendida como natureza masculina em oposição à feminina.

estrangeiros que lhe chegavam dos vizinhos. Demonstrando boa vontade, uma vez que *viera para compor um lar constituído*<sup>5</sup>, entre outras coisas, de mesa, cadeiras e ainda gravuras de Dom Quixote, dependuradas na parede. Através do Fidalgo, ela celebrava a invencível capacidade de sonhar de seu povo. (Piñon, 2014: 115)

Eulália «viera para compor um lar constituído» visto que fora educada sob as normas de uma cartilha cujos códigos pai e marido mantiveram vigentes, uma vez que «ambos haviam-lhe explicado a vida pela metade» (Piñon, 2014: 14). No cesto desse comportamento de aparente sujeição convivem harmoniosamente uma ilusória desatenção sobre sua condição de mulher eternamente vigiada pelo olhar atento do marido, uma aparente distração sobre os negócios em geral e um fingido alheamento à própria administração de seu lar, entregando parte de seus cuidados à fiel e subordinada Odete. A distração exibida por Eulália diante das coisas reais de seu cotidiano encobre uma desobediência em cujo solo sedimenta-se uma conduta reativa ao prepotente mundo masculino. Esse comportamento distraído da personagem escamoteia uma legítima oposição que se revela rigorosa e sobejamente ativa do ponto de vista de uma resistência. Tal afirmação encontra apoio nas palavras da própria Nélide em uma entrevista a Ana Tomás no *Jornal – I – Online* (2015), «A mulher distraída tem uma rebeldia embutida. É distraída porque se abstrai da realidade que tem um cunho e uma marca masculina. [...]. E quem é autoritário, quem manda, perde o poder porque ela não escuta». Afinal, Eulália é a mulher distraída que possui autodomínio sobre os desejos que perfilam sua vida, realizando suas vontades a despeito de uma percepção geral do mundo que a rodeia.

As diretrizes de um patriarcado, oriundo do universo ibérico e que se estendeu pelo novo mundo na figura do seu marido, não conseguiram exterminar totalmente a semente de insubordinação que ao florescer assegurou a Eulália um triunfo sobre as agruras da vida. Dessa maneira, depreende-se que, apesar de seguir o modelo sustentado pelo tripé casamento, filhos e obrigações domésticas, ao qual Schmidt chamou de *script* básico para manutenção do papel da mulher na sociedade, Eulália não deve ser considerada uma alienada total em relação à concretização de sua autonomia.

O viés da fé auxiliou Eulália na manutenção de sua rebeldia embutida, a despeito de a fé, como instituição, representar um dos freios de contenção da autodeterminação feminina. Segundo o narrador de *A república dos sonhos*, Eulália abrigou-se sob o manto da espiritualidade para poder conviver de forma amistosa no seio das convenções praticadas pela sociedade masculina: «À falta porém de recursos com que se opor à realidade de Madruga, da qual Deus fora afastado, Eulália dedicava-se à reza com intensa obstinação» (Piñon, 2014: 14).

Com o propósito de vencer sem guerrear, Eulália transforma a igreja em refúgio de liberdade permitida, primeiro pelo pai e depois pelo marido. O pai consentia-lhe uma liberdade religiosa vigiada como escudo protetor da família,

<sup>5</sup> Grifo da autora deste artigo.

visto que a mulher era a responsável pela salvaguarda da honradez familiar. Ao passo que o marido admitia uma liberdade que lhe permitia alimentar o seu espírito através de oníricas fugas. O narrador de *A república dos sonhos* refere essa conduta de Eulália como demonstração do seu camuflado poder sobre o marido.

Eulália habituara-se a seu comportamento. Ganhava-o e o perdia com igual facilidade. [...] Também Eulália viajava deixando-o atrás. Jamais o convidou na caminhada, Quando seu espírito, livre dos encargos concretos, vagava por terras estranhas, sem dispor de uma só referência que se agarrar para ao menos dizer a si mesma, após o seu regresso, onde havia estado, o que fizera afinal. E isto porque voltava descontraída, dona de asas com que exercer o direito natural de voar. (Piñon, 2014: 141)

Por mais que na obra possa parecer que Eulália vivesse à sombra de Madruga, posto que ele a mantinha sob uma vigilante presença, ele jamais a alcançou em seu pensamento libertário, porquanto a independência de seu discernimento assegurava-lhe o controle sobre o intransigente caráter do marido.

O mundo físico de Eulália, a rebelde distraída, esteve conectado à vida de Madruga por 57 anos, mas seu espírito habitava o universo da liberdade interior. Não possuindo a igualdade de valores com os quais a sociedade brindava o mundo masculino, restava-lhe impor-se, ora por meio dos sonhos ora através da diplomacia e da conciliação com a ajuda apaziguadora das orações. Essa posição foi desempenhada com habilidade em diversos momentos de sua vida, sobretudo quando era preciso aplacar a fúria entre Madruga e o amigo Venâncio, ou entre Madruga e os filhos. Não discutia, não contra-argumentava. Silenciava, porém o olhar que dirigia ao marido em tais ocasiões era um código que ele prontamente decifrava. Era, para ele, chegado o momento de arrefecer o seu discurso inflamado e refrear a sua ira.

Eulália parece amoldar-se à nova terra e ao modo de ser de Madruga como uma raiz que se une a outra sob o solo. No entanto, em uma perspectiva rizomática<sup>6</sup>, o que brota sobre o húmus que os abriga são duas pessoas distintas envoltas por vasos comunicantes que os mantêm unidos, mas sobrepostos. Madruga, um ser «denso» e contundente, mantém-se ao fundo e por essa razão não consegue o domínio total sobre sua mulher que se mantém à tona em virtude de sua leveza, navegando com perspicácia sobre as questões que ele julgava dominar. Além do mais, ela era para ele um enigma a decifrar. Nunca entendeu aquele lado de abstração da mulher, embora pressentisse a sua superioridade quando refletia acerca de sua verdadeira essência. Momentos houve em que «[...] Madruga deu-se conta que jamais frequentara o fundo do quintal daquele coração» (Piñon, 2014: 10). Olhava-a como se ela estivesse envolta em um halo misterioso sobre o qual não lhe era possível desvendar e por isso indagava-se: «Qual seria de facto o território daquela mulher? Teria se casado

<sup>6</sup> Segundo Deleuze e Guattari (1995: 15), «Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo».

comigo por displicência, um outro homem igualmente lhe servindo?» (Piñon, 2014: 298) Questionava-se também sobre qual papel era o mais importante na vida de Eulália, o ofício religioso ou o dever de esposa e mãe: «Além desse Deus, quem houve para ela? O que significaram os filhos, a vida, o amor, o membro intumescido de um homem, mesmo o seu sexo húmido?» (Piñon, 2014: 663-664). A subserviência feminina, inscrita na cartilha padrão do seu velho mundo patriarcal, à qual Eulália sempre se recusou a aderir, não permitia que Madruga enxergasse a obviedade que o afastava de uma esperada subserviência de sua esposa.

Madruga, tentando equilibrar-se entre a autoridade patriarcal e a resistência silenciosa de Eulália, dedica-lhe um amor ausente de meiguice e carinho, porém abastado de zelos. Sem arroubos afetivos, cobria-lhe de atitudes reverenciais, protegendo-lhe a integridade da alma, como discorre o narrador: «Madruga sempre preservou Eulália. Quando a feria com seu temperamento desabrido, apressava-se em lhe pedir desculpas, na expectativa de a mulher esboçar-lhe um sorriso» (Piñon, 2014: 177). Os sentimentos de Madruga oscilavam entre a autoridade de senhor e dono e a indiferença proposital de Eulália, entre amor e raiva afinados pelo mesmo diapasão.

Segundo Woolf, os homens alimentam-se de um apreço especular excessivo por si próprio. Para se sentirem superiores, eles necessitam de espelhos que aumentem o tamanho de seu ego:

As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem com o dobro do tamanho natural. Sem esse poder, provavelmente a terra seria pântanos e selvas. [...] Seja qual for o seu uso nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as nações violentas e heroicas. É por isso que tanto Napoleão quanto Mussolini insistiam tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois se elas não fossem inferiores, eles deixariam de crescer. Isso explica, em parte, as necessidades que as mulheres representam para os homens. [...] Pois se ela resolver falar a verdade, a figura refletida no espelho encolherá; sua disposição para a vida diminuirá. (Woolf, 2014: 54-55)

A alegoria do espelho é de extrema importância para se compreender o atordoamento no qual se encontra Madruga na iminência da morte de Eulália, pois através dessa atitude desafiadora, ela põe por terra a sua autoridade. Sob a ótica woolfiana, Madruga tem em Eulália o seu espelho, mas justamente por não a compreender em seus mistérios, os reflexos emitidos são apenas imagens sob as quais ele não se reconhece. Por isso, nele, interpolam-se amor e animosidade. Na representação refletida através da indiferença calculada de Eulália, Madruga sente-se inferior e impotente, portanto, conforme argumenta Woolf, essa mulher deixa, por momentos, de cumprir uma função especular, causando-lhe raiva.

Embora os gestos de Eulália, tranquilos e estáveis, não estivessem em desacordo com o caráter social repressor de seu tempo, porém essa forma de procedimento da personagem não era obediência, antes um método engenhoso de vencer sem exibicionismos. Todos os sinais emitidos por Eulália foram

em direção de uma liberdade há muito ansiada, porém trilhava uma rota sem pedantismo ou ostentação, pois para ela, «[a] vida repetia-se sem alardes, dissonâncias, bruscas ruturas», diz o narrador de *A república dos sonhos* (Piñon, 2014: 12).

Em relação ao percurso de vida traçado pela autora para a personagem Eulália, observa-se os desdobramentos progressivos de rebeldia. Há muito tempo, Eulália demitira-se das funções de presidir os almoços de família, papéis esperados e executados com extrema competência. Igualmente recusava-se a apaziguar as contendas entre os membros da família, fato indicador de um traçado estratégico de ruptura com a vida. Se planejava sozinha o seu desenlace, não haveria agora de envolver-se com as desavenças familiares, elas se acrisolavam por si mesmas, por isso tampouco deveria divulgar suas decisões:

Desde seu casamento, Eulália furtou-se a aclarar os mal-entendidos. Para que purgassem por si mesmos. De que valeria agora partilhar com Madruga seu desenlace? Ele reagiria inflamado, proibindo-lhe a morte. Quando começava ela a sentir prazer em assumir sozinha uma decisão de tal magnitude. (Piñon, 2014: 15)

Com serenidade, empenhava-se agora em desabitar a opressão e a inferioridade a ela infligidas, pois sentia que tais valores nunca lhes foram inerentes, apenas uma construção de papéis sociais efetivada sob os determinismos masculinos. Havia de desconstruir o binarismo que a aprisionava, mas sem frontealidades às leis que o regia sob pena de fracassar. Por essa razão é que Eulália, sem ações bélicas, era uma resistente silenciosa comandando todo o clã à revelia de seus integrantes. Agia através de uma refinada interiorização estratégica, esquivando-se sempre de,

debater as ocorrências humanas com Madruga. Dispunha de técnica própria para interpretá-las. Além do mais, não tinha propostas a fazer. E desde cedo intuía a inutilidade de competir com as vozes naturais como trovão e a tormenta. Madruga era uma dessas vozes. (Piñon, 2014: 14)

Ao seu par, cabe apenas, por fim, entender que de nada valeu o controle que exerceu sobre ela uma vez que lhe fugia, por decisão própria, como óleo entre os dedos e por essa razão, desesperado, implora-lhe: «– Não nos deixe Eulália. Não se esqueça do nosso trato. De você me enterrar. Ser minha viúva, chorar por mim e não eu por você» (Piñon, 2014: 18). Ainda assim, não percebeu Madruga «o delicado sorriso de Eulália, descrente de um trato jamais firmado» (Piñon, 2014: 18).

Madruga pressentia o poder furtivo que havia nas silenciosas ações de Eulália, embora fingisse, por puro orgulho viril, não o notar. Somente quando «a ranger os dentes, condenando Eulália a viver a qualquer preço» (Piñon, 2014: 19), conclui que também era dela a decisão de morte. Na presença da neta Breta pondera: «Eulália nos expulsou de seus sonhos e de suas rezas. Já não há nela lugar para nós. Só para a sua desastrada decisão» (Piñon, 2014: 19).

Eulália, ao seu modo, rebelou-se, mesmo que distraidamente, até a sua hora final, quando optou por não partilhar o momento mais decisivo de sua

vida e sob essa determinação refletia: «Por que devia Madrugá, uma vez mais, definir-lhe o destino, transmitir-lhe presságios?» (Piñon, 2014: 13). Ao deliberar silenciosamente sobre a vida, definiu sua morte, decidindo quando, como e onde morrer, portanto, «Começou a morrer em uma terça-feira», preparando cuidadosamente o seu instante final:

Nesta manhã de fevereiro, Eulália escolheu no armário um vestido novo, de feitiço discreto. [...] O banho foi regrado. [...] Ao fixar-se ao espelho, de cujo reflexo em geral Eulália furtava-se, ocorreu-lhe pensar ser aquele um objeto implacável. Devolvia-lhe naquele instante o rosto de uma velha. Alguém estranho para ela mesma. Com certeza este seu rosto muito viajara, e nem sempre ela o seguiu. (Piñon, 2014: 12)

A cada pausa que a vida lhe concedia, mais Eulália organizava sua morte. Entre os vários suspiros que lhe antecediam o minuto final «Ela despediu-se de forma discreta, como viveu. *Distráida*<sup>7</sup> transitando pelas casas, pelas terras e os anos» (Piñon, 2014: 654). E assim, desnudou-se a beleza de sua personalidade autêntica. Mesmo que cultivasse uma aparente distração, não se vergou aos ditames do patriarcado, mantendo intacta a sua alma libertária. Dessa forma, legitima-se a tese de que seu verdadeiro lugar não era aquele em que estava nem seu espírito coabitava o meio em que vivia. A realização da liberdade pela morte confere-lhe, afinal, luz própria e, com incontornável ironia, põe em contradição o argumento de que existe uma passividade intrínseca à sua personalidade ou a de muitas mulheres de sua época.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beauvoir, Simone de. (2000). *O segundo sexo. Fatos e mitos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ceia, Carlos.(sd). *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)* Disponível em: <http://edtl.com.pt>. (Acessado em 3/09/2018).
- Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. (1995) *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, São Paulo: Editora 34.
- Piñon, Nélica. (2008) *Aprendiz de Homero*. Rio de Janeiro: Record.
- (2014). *A república dos sonhos*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo Leitores.
- Saraiva, Antônio José e Lopes, Óscar. (2005) *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora.
- Schmidt, Rita Terezinha. (1999). «A transgressão da margem e o destino de Celeste». Em *Anais do Seminário Nacional Mulher*, 7, 672-82.
- Tomás, Ana. (2015). «Nélica Piñon. 'A minha grande inocência é ter paixão pela vida'». <http://www.livrosepessoas.com/2015/02/09/nelida-pinon-a-minha-grande-inocencia-e-ter-paixao-pela-vida/>. (Acessado em 3/09/2018).
- Woolf, Virginia. (1985). *Um teto todo seu*. Belo Horizonte: Tordesilhas.

<sup>7</sup> Grifo da autora deste artigo.

La obra literaria de Nérida Piñon se asienta sobre tres pilares fundamentales: su país, sus orígenes españoles y la escritura en sí. Brasil y España conforman los dos polos geográficos entre los que se desarrolla la visión nelidiana del mundo en general («Desde la más tierna infancia he sentido los efectos de la doble cultura. Destinada a reivindicar el mundo desde un punto de vista doble», dirá) y de la literatura en particular, mientras escribir es para la autora el modo de relacionarse con el mundo y un instrumento que le permite explicarse a sí misma. Como reflejo de esta necesidad de ser interpretada en esa multiplicidad de facetas, en este libro se recogen todas las dimensiones de la cosmovisión nelidiana. Para ello se reúnen algunas de las ponencias y comunicaciones que se presentaron en el I Congreso Internacional de Literatura Brasileña «Nérida Piñon en la República de los sueños», que se celebró en la Universidad de Salamanca en noviembre de 2018. Conforman estas páginas los trabajos de algunos de los brasileñistas más importantes a ambos lados del Atlántico: Domício Proença, Antonio Maura, María Isabel López Martínez, Carmen Villarino o Ascensión Rivas Hernández. En el libro se recogen, además, las investigaciones de estudiosos pertenecientes a diferentes universidades brasileñas, muchos de ellos desde una perspectiva comparatista. Algunos de estos trabajos hacen un examen general de la obra de la autora; otros abordan aspectos sobre el feminismo en su narrativa o analizan sus personajes femeninos; en otros se estudian las relaciones entre los dos espacios geográficos vitales de Nérida Piñon, Galicia y Brasil. Mención especial requiere el capítulo reservado a la propia autora en el que se recoge su intervención en la clausura del Congreso. En su discurso, Piñon analiza *La república de los sueños* y lanza una mirada cómplice hacia sus personajes deteniéndose particularmente en la figura del emigrante y reflexionando sobre el dolor que implica el abandono del país de origen.

